

## Apresentação: do valor das palavras na constituição dos sujeitos e suas realidades

Ev' Ângela Batista Rodrigues de Barros

*Ai, palavras, ai, palavras, / que estranha potência, a vossa!  
ai, palavras, ai, palavras, / sois de vento, ides no vento,  
no vento que não retorna, / e, em tão rápida existência,  
tudo se forma e transforma! (MEIRELLES, 1967, p.560-561).*

Início a apresentação do presente volume da **Revista do Instituto de Ciências Humanas** com as eloquentes palavras de Cecília Meireles, que introduzem o belo poema “Romance das Palavras Aéreas”. Palavras potencializam e exprimem visões de mundo, crenças, representações; as palavras produzem e descontroem sentidos e mundos, subjetividades e alteridades – como Cecília afirma, noutra trecho, “todo o sentido da vida / principia à vossa porta”. Embora não num poema, mas de forma não menos poética, o educador espanhol Jorge Larrosa Bondia assevera que

**as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação.** Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, **o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras.** E, portanto, também **tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos.** E o modo como agimos em relação a tudo isso.  
(LARROSA BONDIA, 2002, p.2, grifo nosso.)

Considerando a palavra e seus efeitos como instauradora / mantenedora de poder e prestígio, e, igualmente, como fonte de opressão, mas potencialmente também de libertação e emancipação, há muito o educador Paulo Freire já afirmava que o caráter inerente ao homem como ser humano reside em sua capacidade de diálogo, de se fazer por meio do discurso. Numa sociedade republicana e democrática, efetivamente, um dos direitos inalienáveis é o da livre expressão. Assim,

Dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais... Não é possível o diálogo entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. (...) Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não

aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem a buscar a verdade, mas a impor a sua. (FREIRE, 2011, p.108-109)

Portanto, há que se pensar nos discursos e em seus contextos de produção e circulação, nos pressupostos de público leitor (ou de audiência) que instauram ou fazem supor. Dessa forma, um fator que empresta coesão aos textos constitutivos deste volume da **Revista do ICH** é o fato de que, independentemente da área, todos nos mostram como os sujeitos cenarizam sua existência e explicitam suas relações, projetam seus anseios e evidenciam jogos de poder construídos em torno dos discursos e seus interdiscursos. Cada artigo nos suscita uma reflexão, um abrir de visada que apreenda novas nuances do real e nos permita com ele dialogar

Feito esse preâmbulo, vale destacar que este volume da **Revista do ICH**, por essência interdisciplinar, constituiu-se, basicamente, em torno de três grandes campos de saberes da área das Humanidades cujas matérias-primas de trabalho são as palavras e suas evocações; as palavras e sua potência – criadora, representadora, transformadora da realidade. Contemplados os campos das Ciências Sociais, das Letras (aqui, especificamente, com três estudos de linguística aplicada, voltados ao saber / fazer do revisor de textos) e da História / historiografia, a opção pela contiguidade dos textos por temas afins, quando da organização desta edição, gerou um fio condutor apropriado a ligar os três eixos constitutivos.

Considerando a primeira grande área de abrangência dos artigos, as Ciências Sociais, temos dois textos que evidenciam o primado da palavra na constituição do real: numa vertente, trata-se dos discursos que constroem e destroem identidades, que conferem poder ou demovem de um *status* (como no contexto de *impeachment* da presidente Rouseff, em que se embateram os partidários tanto da tese do golpe (contra a democracia representativa) quanto os da legalidade e obediência à Constituição Federal, pilar da sociedade republicana; noutra vertente, das palavras que constroem identidades, como evidenciam as narrativas pessoais de trajetórias de vida.

Em “Ponderações jurídico-sociais acerca da democracia brasileira após o processo de *impeachment* da presidente Rouseff”, Gustavo Bruzzi Monteiro de Castro apresenta análises referentes tanto ao contexto social quanto ao político e econômico que convergiram para o impedimento de uma presidente eleita democraticamente e tece considerações sobre o quanto isso afeta e fragiliza o sistema eleitoral e a democracia republicana no nosso país. Com este trabalho, o autor obteve o 1º lugar no Prêmio Sílvia Rezende, conferido anualmente pelo ICH, a trabalhos que se destacam no cenário das Humanidades.

No segundo artigo, “Trajetórias de Vida: um conceito em construção, o sociólogo Marco Antonio Couto Marinho apresenta-nos alentado debate teórico-metodológico a respeito da “construção de conhecimento social na sociedade contemporânea a partir do conceito de trajetória de vida”. Fruto de sua pesquisa social aplicada, que culminou na tese de doutoramento,

Marinho dá ênfase às abordagens biográfica e etnográfica, a fim de flagrar o impacto das trajetórias de vida na construção do conhecimento social, a partir da relação de interdependência que se verifica entre corpo (âmbito individual) e sociedade, a partir da análise do tempo de vida social dos indivíduos (representados no conceito de fases da vida), sobretudo lançando seu olhar à fase da juventude.

Com relação à segunda grande área, das Letras e Literaturas, temos três artigos e uma belíssima entrevista concedida pela escritora Cristiane Sobral à professora Gláucia Xavier (IFMG).

Em outro belo trecho da palestra de Larrosa (2002), este afirma que

Todo mundo sabe que Aristóteles definiu o homem como *zôon lógon échon*. A tradução desta expressão, porém, é muito mais “vivente dotado de palavra” do que “animal dotado de razão” ou “animal racional”. (...) O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (LARROSA BONDIA, 2002, p.21).

O homem é palavra e organiza seus discursos sob formatos específicos, combinando uma configuração precisa com um conteúdo, em consonância com a intencionalidade e a esfera em que tais discursos circularão; para compreender o discurso em todas as suas dimensões, é preciso dar especial atenção aos aspectos linguístico-textuais e discursivos que o constituem. Aquele que lida com o texto – quer no âmbito mais amplo da edição, quer no da revisão, tem-se aí uma série de fazeres que se agregam sob o rótulo de “tratamento do texto”.

No terceiro artigo, “Jornal diário, sem revisor: 1.001 desvios ou mais”, a jornalista Cláudia Helena Santos Rezende evidencia, por meio de uma pesquisa empírica que constituiu um corpus bastante robusto, a importância do profissional revisor de textos em uma redação de jornal impresso de circulação diária. Dada a pressa em produzir os textos a serem publicados, muitas vezes os diferentes gêneros textuais saem das respectivas editorias prenhes de problemas linguístico-textuais que precisavam e deveriam ser evitados. A falta de um revisor – ainda que algumas redações tenham o *ombudsman*, porém seu trabalho será sempre de indicar os problemas, após a ocorrência destes – deixa passar uma quantidade substancial de inadequações nos jornais impressos, contemporaneamente. Num momento em que grande parcela opta por aceder a textos noticiosos *on-line*, a ausência de um diferencial nos periódicos impressos certamente depõe contra estes jornais, constituindo-se num desserviço para os leitores e num fator de desprestígio para o veículo. Rezende constatou que a maior ocorrência de desvios ou inadequações está relacionada à vírgulação e que existe um padrão diferenciado de problemas entre as seções do veículo (diferentes editorias trazem distintos problemas de desvios em relação à norma culta).

Em diálogo com o artigo precedente, porém focando-se em outro âmbito da produção textual, em “O revisor entre vírgulas nos gêneros literários”, Vera Lourdes de Souza discute como a colocação das vírgulas em textos literários, muitas vezes, não se fundamenta apenas no critério sintático, legitimado pelas gramáticas normativas do português. Esse afastamento em relação aos cânones exigirá do revisor um privilegiado senso de equilíbrio entre o valor estético conferido pelo autor, que pode estar ligado ao estilo ou ao efeito de sentido pretendido por este. Segundo Souza, “ao se defrontar com vírgulas empregadas segundo um modelo não convencional, o revisor de gêneros literários deverá analisar esses usos com cuidado e sensibilidade, buscando compreender que razões os motivaram, a fim de evitar intervenções equivocadas”. Por meio da discussão de alguns casos concretos, ela nos leva a refletir sobre o embate – por vezes dissimulado, no trabalho do revisor – entre aspectos normativos e pragmáticos do uso da língua portuguesa.

No artigo seguinte, “Reflexões sobre a construção do texto e o funcionamento do discurso: algumas contribuições para o trabalho do revisor de textos”, a então graduanda, e hoje egressa do Curso de Letras, Tainara Ferreira Alves e a professora Ev’Ângela Batista Rodrigues de Barros, no bojo de uma disciplina curricular – Práticas de Revisão de Textos, a partir das leituras e discussões teóricas, a partir dos textos analisados ao longo do semestre letivo (teóricos ou práticos, em que se fizeram intervenções), apresentam e discutem a aplicabilidade de conceitos relevantes a um bom desenvolvimento do trabalho do revisor de textos. Além de apontar a importância de conhecimentos que vão desde o âmbito do enunciado ao do discurso, e que perpassam aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos (considerações sobre a língua em uso), evidenciam quão complexa é a realização desse trabalho, que impõe desafios aos que ingressam no ofício de revisor. Por meio de pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, retomam-se diversos trabalhos que abordam assuntos relacionados ao texto e à sua produção, às leis e máximas que regem o discurso, aos tipos de intertextualidade / transtextualidade, que são constitutivos dos diversos gêneros textuais, e, complementarmente, apresentam e discutem alguns casos práticos de intervenção textual.

Na sequência, a belíssima entrevista concedida por Cristiane Sobral, poeta e autora de crônicas e contos à professora Gláucia do Carmo Xavier (do Instituto Federal de Minas Gerais). Com vários livros publicados, como **O tapete voador**, **Não vou mais lavar os pratos**, **Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz** e **Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção**, Sobral desvela seu contato com a literatura e como é o processo de criação dos textos de **Literatura Negra**, que empodera seus leitores, bem como da relação que vivencia como cidadã e profissional que se dedica à literatura.

Finalmente, na resenha “As batalhas da imprensa fluminense na campanha presidencial de 1950”, o historiador Marco Túlio Antunes Gomes traz para bem perto de nós uma obra

instigante - “Bota o retrato do velho outra vez: a campanha presidencial de 1950 na imprensa do Rio de Janeiro. Jundiá”, de Luís Ricardo Araújo da Costa (Paco Editorial, 2016). Sobre o período posterior à deposição de Getúlio Vargas, destaca que “a experiência democrática na Quarta República brasileira (1945-1965) segue como um campo marginal da historiografia do político, objeto de análise de um seleto grupo de pesquisadores empenhados em descortinar atores, práticas e imaginários existentes no período”.

Respalhando a afirmação de Araujo (2011), de que

O universo dos meios de comunicação social foi se constituindo, ao longo dos tempos, como um espaço privilegiado de discussão da atualidade, ao qual recorreremos, sistematicamente, para obter informações, acerca do que se passa à nossa volta. Da mesma forma, o campo jornalístico, propriamente dito, se estruturou em torno de um conjunto de ideias, por vezes, míticas, relacionadas com o poder social do jornalismo, visto como contra-poder, cão-de-guarda ou, pomposamente, como guardião dos sistemas democráticos. (ARAUJO, 2011, p.3)

a partir da análise de periódicos da época, o autor descortina os bastidores da mudança dos jornais cariocas (de “jornalismo literário” para o “jornalismo empresarial”) e as pressões da imprensa carioca por ser um dos protagonistas da cena política. Instigante tanto a resenha quanto o que deixa entrever da obra em tela.

Pela amplitude e profundidade das discussões, convidamos a cada leitor a usufruir, dialógica e dialeticamente da leitura dos textos, que certamente produzirá respostas e novas perguntas, (des)construirá sentidos, lançará luzes e proporá reflexões sobre acontecimentos – recentes ou não tão recentes assim – da história do país ou de histórias do âmbito individual, mais subjetivas, como o que as narrativas de trajetórias de vida suscitam, ou sobre temas que estão na pauta, como o empoderamento da mulher negra, a partir da gostosa conversa entre Gláucia Xavier e Cristiane Sobral.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Bruno Bernardo. **A narrativa jornalística e a construção do real**. Como as revistas *Veja* e *IstoÉ* trataram a manifestação dos estudantes da Universidade de São Paulo em 2011. Universidade de Coimbra – Portugal, 2011. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Acesso em: 04 set. 2017.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008, 281p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. 2001.

MEIRELES, Cecília. **Obra Poética**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p.560-561.